

ESPERANÇAS

O Espírito Santo não tem conversa: plantado no meio da costa do Brasil, é direitinho feito o Brasil, e tem em ponto pequeno quase todos os seus problemas grandes. Sua população é tão variada como a do Brasil inteiro, tanta cara índio, tanto preto e mulato, cidadezinhas alemãs ou polonesas ou italianas, zona de serra, zona de praia, terra de café, terra de cacáu, terra de boi, terra de tudo. O Espírito Santo andou a bem dizer parado muitos anos; de alguns para cá ele se animou, e a explicação é completamente brasileira e bem simples: foi o café que subiu.

É graças ao dinheiro do café e também em boa parte graças à esperança de mais dinheiro do café que o governo se animou a um programa de abrir ou pavimentar estradas e fazer usina elétrica. Pois bem: com as novas estradas e com a construção da usina do Rio Bonito o Espírito Santo está correndo o perigo de mudar de destino, de se libertar do café e virar um estadozinho importante e valente, capaz de dar aulas de progresso ao resto do Brasil. Para falar a verdade, tudo são projetos. Mas falei aqui, sem detalhes, de dois projetos que estão em ponto de virar realidade e que bastarão para dar impulso maluco à velha capitania de Vasco Fernandes Coutinho — "Este país calmoso e hereditário", como dizia de Guarapari um orador local.

O primeiro caso é este: um grupo siderúrgico alemão, o segundo em importância da siderurgia alemã, depois de muito matutar, acaba de declarar que resolveu mesmo montar uma grande siderurgia junto de Vitória, no continente, utilizando o minério de ferro de Minas e o carvão vindo da Europa, e por ele controlado. Todas as dificuldades antevistas foram superadas; há promessa formal do Governo Federal de permitir a importação do maquinário, o governo do Estado garante a energia elétrica e dá grandes facilidades, e o grupo de capitalistas dono da "Ferro e Aço" que vai ser incorporado à nova empresa já ajustou o negócio. Agora o capitalista capixaba desse grupo foi convidado a ir à Alemanha, por conta dos alemães, levando plenos poderes para fechar de uma vez o negócio. O próprio projeto da nova usina já está pronto. Se tudo correr direito, o Espírito Santo estará, dentro de 5 anos, produzindo tanto aço como Volta Redonda produz hoje. E é fácil imaginar que junto de um porto, onde o ferro e o carvão se encontram, essa siderurgia estará em condições especialíssimas de progresso, e dará nascimento a um sem número de indústrias. O que atrasou o negócio foi isto: o tal grupo alemão utilizará aqui patentes novas, que só agora foram registradas na Alemanha, e que permitirão uma produção em condições econômicas excepcionais.

O outro projeto, menor, mas igualmente importante, é o da nova fábrica de cimento de Monte Líbano, Cachoeiro de Itapemirim, que será a maior da América do Sul, e será montada pela Breda, italiana. Depois de muito trabalho para ajeitar as coisas na Cexim, o negócio ia perigando com a mudança de política, mas o ministro Oswaldo Aranha prometeu e agiu no sentido de tornar possíveis as coisas.

Caso o sr. Getúlio Vargas e as autoridades federais permitam (e suas promessas são formais), o Espírito Santo, que é um bom produtor de divisas para o Brasil com seu café, seu cacau e suas madeiras, será um grande economizador de divisas para o Brasil inteiro, com seu cimento e seu aço. O governo estadual anima esses empreendimentos, e participará de seus lucros na base de "royalties".

Estas são as capixabas esperanças. Se derem certo, o Estado pequenino que Minas quer fazer o menor de todos — o Estado pequenino começará a falar grosso na Federação.

24/10/63

R. B.

487